

VARIEDADES LINGÜÍSTICAS NO ÂMBITO EDUCACIONAL

Deyse Souza Alves¹

Resumo:

Este artigo visa a uma retrospectiva reflexiva dos estudos lingüísticos e sua interferência no processo educacional, abordando para isso alguns princípios lingüísticos Estruturalistas, Gerativistas e Sociolingüistas de forma a compreender as diferenças lingüísticas e suas implicações na educação

Palavras-chave: Lingüística, variantes, educação

Abstract:

This article aims to do a considerative review about the linguistics and its influence in the educational process, approaching some structuralists, Generativists and Sociolinguistics, in order to understand the linguistic varieties and their educational implications.

Key words: Linguistics, variants, education

Diante da atual maneira de se ensinar Língua Portuguesa nas escolas, precisamos nos posicionar frente a alguns acontecimentos educacionais, como as variações dialetais de uso da língua vernácula que visam obter uma nova compreensão do dimensionamento do estudo da Língua na atualidade, especialmente do ponto de vista pertinente ao relacionamento aluno/ professor.

Repensar a educação é primeiramente trabalhar com os aspectos comunicativos que tangem o processo educacional, e conseqüentemente abordar as teorias lingüísticas que se relacionam a tal fato, visto que, são inúmeras as manifestações da língua que podemos encontrar numa sala de aula e vários são os modos de se trabalhar com tais manifestações, limitando este texto principalmente às dicotomias *certo/errado*.

Abordar a comunicação é, sobretudo, um aspecto lingüístico, e como é sabido, a Lingüística Moderna inaugura-se com os estudos de *Ferdinand Saussure* e “seu” famoso

¹ Graduanda em Letras pela FUCAMP – Fundação Carmelitana Mário Palmério. Contato: deyse@dhonline.com.br

Curso de Lingüística Geral, editado por seus discípulos Charles Bally e Albert Séchehayé em 1915 (dois anos após sua morte), fazendo assim, surgir a Lingüística como ciência moderna da Língua. Os estudos Saussurianos sugerem a separação língua e fala, criando a dicotomia Langue/ Parole.

Segundo Saussure, a Parole é a concretização da Langue e assim:

[...] a língua é necessária para que a fala seja inteligível e produza todos os seus efeitos; mas esta é necessária para que a língua se estabeleça; historicamente, a fala precede sempre. Como seríamos capazes de associar uma idéia a uma imagem verbal se antes não tivéssemos surpreendido uma associação num acto de fala? Por outro lado, é ouvindo os outros que aprendemos a nossa língua materna; ela só se instala no nosso cérebro após inúmeras experiências. Por último, é a fala que faz evoluir a língua: são as impressões recebidas ao ouvirmos os outros que modificam os nossos hábitos lingüísticos. Há, portanto, interdependência da língua e da fala; aquela é, ao mesmo tempo o instrumento e o produto desta. Mas tudo isto não as impede de serem duas coisas absolutamente diferentes. (SAUSSURE, 1995:48-49).

Estabelece-se aí uma das mais famosas dicotomias Saussurianas, segundo a qual só se poderia analisar o aspecto social da língua, partindo-se de um único indivíduo e, ao contrário, só se poderia analisar seu aspecto individual por meio da interação de duas ou mais pessoas. Eis aí o paradoxo Saussuriano que, ao mesmo tempo, em que define a língua como fato social, acaba considerando-a um sistema homogêneo e excluindo das tarefas da Lingüística a preocupação com os fatores de ordem social. Ao analisar a língua dedutivamente, Saussure acaba por não encontrar respostas para os fatos do discurso, já que estes são definidos por caracteres multiformes e heteróclitos, os quais não eram considerados por sua definição de homogeneidade da língua.

Saussure enfatizou em seus trabalhos os estudos da Langue “língua em si mesma”, já que esta pode ser repassada por meio da língua escrita que envolve a descrição do conjunto de regras consideradas corretas em uma determinada língua e que formam assim, o código da comunicação utilizado pelas pessoas, de forma linear e com caráter arbitrário. A língua na perspectiva Saussuriana é então caracterizada como um sistema de valores que se opõem

uns aos outros e que está depositado como produto social na mente de cada falante de uma comunidade.

Outra famosa dicotomia Saussuriana está embasada no eixo da *Sincronia/Diacronia*, como formas de referencial teórico temporal para os estudos lingüísticos. Para Saussure, a *Sincronia* é o estudo descritivo da linguagem, enquanto a *Diacronia* se sustenta como o estudo da lingüística histórica, estudo da mudança dos signos no eixo das sucessões temporais, a forma como o estudo das línguas era tradicionalmente realizado no século XIX. Em oposição ao eixo Diacrônico de estudo lingüístico, o mestre de Genebra priorizou seus estudos no caráter Sincrônico, visando estabelecer os princípios fundamentais pertencentes a um determinado estado de língua, ou seja, enfocando o sistema lingüístico em funcionamento, num determinado momento, sem a perspectiva histórica.

Não poderíamos também deixar de citar a combinação do *significado* e do *significante* para a existência do signo. Buscando uma analogia para melhor compreensão podemos considerar o signo como uma folha de papel, na qual de um lado temos o *significado*, que é o conceito e reside no plano do conteúdo e do outro lado temos o *significante*, que se funde na imagem acústica, construído a partir da cadeia de sons e está sustentada no plano da forma. Exemplificando, temos a palavra *casa*, cujo significante é o conjunto de sons na sua pronúncia: /kaza/ e seu significado é a imagem mental do conceito que temos de casa, como um lar, uma residência familiar etc.

Se a Lingüística ganhou o caráter científico que tem hoje, devemos ser gratos a Saussure, porém, não podemos nos esquecer de que vários aspectos da língua não abordados por ele foram posteriormente trabalhados por muitos estudiosos, os quais agiram de acordo com as perspectivas lingüísticas, que mais interessavam a seus conteúdos históricos.

Para podermos abordar a questão das variantes lingüísticas em um dado idioma, por exemplo, precisamos primeiramente considerar em que âmbito lingüístico estamos e quais serão os nossos referenciais teóricos. Primeiramente, cumpre saber que a escola lingüística embasada no estudo das variedades da língua denomina-se Sociolingüística, a qual não admite a existência de uma ciência da linguagem que não seja social, como seu próprio nome já sugere.

O iniciador desse modelo teórico- metodológico é o americano William Labov. Foi ele quem mais veementemente voltou a insistir na relação entre língua e sociedade e na possibilidade, virtual e real, de se sistematizar a variação existente e própria da língua falada, apresentando seu modelo como uma reação à ausência do componente social no modelo gerativo².

Segundo o modelo Sociolingüística, não existem variantes da língua consideradas certas ou erradas. Tarallo afirma que: “Variantes Lingüísticas são, portanto, diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade”(TARALLO, 2004:8).

Assim, se as diversas formas das pessoas se comunicarem em uma dada comunidade referindo-se a um mesmo contexto são consideradas igualmente verdades, por que encararmos uma maneira como certa e outra como errada?

Trata-se de uma questão de preconceito e não aceitação de valores. Na escola muitas vezes, nos deparamos com professores que corrigem os alunos por se expressarem, por exemplo, da seguinte maneira: “Quês meninas bonita!” Diante de tal oração, o professor muitas vezes se apavora, e simplesmente diz para seu aluno que não pode falar dessa maneira porque “é errado”, sem explicar para o discente que existem muitas formas de se expressar a mesma frase e que cada uma dessas maneiras deve ser adotada de acordo com a situação em que ele se encontra.

Não queremos, no entanto, que os professores deixem de ensinar a variedade padrão da língua aos seus alunos. Almejamos que nossos educadores compreendam que não existem “erros” de português, o que existem são variantes lingüísticas.

De acordo com Bortoni (2004:38), algumas atitudes são comuns a vários professores, em relação às situações de uso de variantes lingüísticas por seus alunos. São elas:

* O professor identifica “erros de leitura”, isto é erros na decodificação do material que está sendo lido, mas não faz distinção entre diferenças dialetais e erros de decodificação na leitura, tratando-os todos da mesma forma;

² Também conhecido como gerativismo, trata-se de uma corrente lingüística criada por Noam Avram Chomsky, o qual afirma que o objetivo dos estudos lingüísticos é a competência lingüística do falante-ouvinte ideal. Para ele a língua é inata ao ser humano, uma vez que, se a linguagem deriva de um fator genético podemos afirmar que toda pessoa possui uma intuição gramatical.

- * O professor não percebe uso de regras não-padrão. Isto se dá por duas razões: ou o professor não está atento ou o professor não identifica naquela regra uma transgressão porque ele próprio a tem em seu repertório. A regra é, pois, “invisível” para ele;
- * O professor percebe o uso de regras não-padrão e prefere não intervir para não constranger o aluno;
- * O professor percebe o uso de regras não-padrão, não intervém, e apresenta, logo em seguida, o modelo da variante-padrão (BORTONI-RICARDO, 2004:38).

Em geral observamos que o professor não intervém para corrigir seu aluno diante de uma situação de oralidade, na qual as marcas consideradas informais da língua aparecem com mais frequência. Porém, tal correção se faz necessária para que o aluno melhore seu vocabulário e internalize com maior primor as regras de bom uso da língua.

O que acontece com mais frequência, é que o professor ao fazer tal intervenção, muitas vezes, denigre a imagem do aluno, colocando-o numa posição de inferioridade diante dos outros alunos, o que pode vir a causar uma frustração.

Para evitar tal problema, é de suma importância que o professor tenha conhecimento das variáveis lingüísticas utilizadas por seus alunos e que, ao invés de chamar uma utilização de certa ou errada, passe a considerá-la conveniente ou não ao momento.

É sabido que, a forma lingüística aceita como padrão está associada intimamente com questões de status social, assim:

... uma variável sociolingüística estável estará linearmente correlacionada à classe socioeconômica, de tal forma que o grupo social de status mais alto terá os índices mais elevados da variante de prestígio e, conseqüentemente, a frequência menor de uso da variante estigmatizada. (TARALLO, 2004:70)

E em decorrência disso é que o professor deve tomar cuidado pra não cometer preconceito em sala de aula, ao valorizar uma forma lingüística em lugar de outra. Todas têm o mesmo valor de verdade, porém manifestadas de maneiras diferentes. Exemplo disso, são as afirmações comparativas feitas por Marcos Bagno em seu livro *A Língua de Eulália*, no qual, por meio da linguagem da personagem Eulália, o autor faz uma explicação das variáveis lingüísticas do Português, esclarecendo-nos acerca da existência de um variante padrão e outra não-padrão do Português falado no Brasil.

Por fim, convém ressaltar que o docente, ao usar seus conhecimentos de lingüística tem maior competência e, conseqüentemente, uma melhor qualidade no desempenho de seu trabalho, pois ao reconhecer e valorizar as diferenças ele acaba se aproximando de seus alunos, colocando-os em pé de igualdade, o que facilita a aprendizagem e estimula a busca constante pelo conhecimento, já que de acordo com Mollica e Braga (2003:56): “A escola, sozinha, não faz mudança, mas mudança alguma se faz sem o concurso da escola.”

Então, se a escola é a base fundamental para o acontecimento de transformações em nossa sociedade, que elas se façam a começar pelo modo como os nossos professores concebem a Língua, pois é a partir da linguagem que o ser humano adquire competências para ler os fatos ao seu redor de uma maneira diferente.

Referências:

BAGNO, Marcos. **A Língua de Eulália: novela sociolingüística**. 12. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luíza. **Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolingüística em sala de aula**. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2004.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de lingüística geral**. 20. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolingüística**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2004.